

Tailine Rodrigues Valério Silva

DESCONTINUIDADES E ATRAVESSAMENTOS: breves reflexões em Arqueologia

RESUMO

Trago, ao longo desse ensaio, algumas reflexões que possibilitem compreender a Arqueologia como produção de narrativas. Questiono a construção da disciplina arqueológica na modernidade ocidental e sua dupla articulação como produtora de saber/poder, almejando uma transformação onde as multiplicidades narrativas estejam presentes. Me utilizo de textos, conversas e experiências ao longo de minha trajetória para compor um texto fluido, permeado por sensações e acontecimento, objetivando assim, encontrar outras formas, outros meios para pensar e escrever arqueologias possíveis.

PALAVRAS-CHAVE: teoria; Arqueologia; narrativa; Arqueologia Histórica.

ABSTRACT

Throughout this essay I bring some reflections that make possible to understand the archeology as production of narratives. I question the construction of the archaeological discipline in western modernity and its double articulation as producer of knowledge / power, aiming for a transformation where the narrative multiplicities are present. I use texts, conversations and experiences along my path to compose a fluid text,

permeated by sensations and events, aiming to find other ways, other ways to think and write possible archeologies.

KEYWORDS: Theory; Archeology; Narrative; Historical Archeology.

QUEM ME DIZ DA ESTRADA QUE NÃO ACABA ONDE TERMINA¹

*[...] quando pessoas viram coisa,
cabeças viram degraus [...]
EMICIDA (Passarinho).*

Caminho tortuosamente nessas palavras, me lançando a um desafio que nem mesmo eu sei onde está o fim, se é que existe fim. Procuo em meio a contradição e a inconstância, formas de expressar *um algo*² que surge na troca que tenho com amigos, textos, músicas, que abarca minhas subjetividades e também demonstra a bagagem cultural e disciplinar que me trouxe até aqui. Pensei muito em como transpor nessa escrita minhas ideias, como escrever sobre o papel social da arqueologia, sobre os impactos da metanarrativa nas vidas de atores que por muito tempo foram marginalizados do cânone científico e sobre as transformações que as aberturas das/nas narrativas arqueológicas podem causar, mas não sei se minhas considerações serão suficientes. Por isso, penso que essas reflexões não estão desassociadas de minha própria trajetória de vida, porque fazer arqueologia sempre foi meu sonho. Um sonho construído por um imaginário literário e cinematográfico sem dúvida, já que foi através desses meios que cheguei a conhecer a profissão. Hoje, esse sonho se tornou mais concreto e embora distante desse imaginário propagado, não se distanciou de um segundo desejo, o de transformar, mesmo que de forma pequena, a *realidade* social que vivemos em nosso país.

Não sei definir a origem desse desejo, pode ser que seja fruto de uma construção social cristã, que me impele a essa vontade de *ajudar ao próximo*, ou pode ser porque senti ao longo da minha experiência de vida o significado da desigualdade, da pobreza e da subalternização. Escolhi pensar

¹ Trecho da música: Feito pra acabar – Marcelo Jeneci.

² Por não possuir um vocabulário que exprima, necessariamente, minhas intenções, escolhi colocar algumas palavras em itálico para chamar atenção ou relativizar o conceito expresso por essas.

que é por causa da segunda, embora não desconsidere o poder da primeira. *Fato* é que, viver essas experiências me fez perceber que seguir uma profissão que esteja distante e alheia aos conflitos e interesses sociais não seria possível para mim, muito menos me contentaria em realizar um estudo que, por mais temporal e/ou geograficamente distante, não pensasse seu impacto sobre o presente.

Realizo esse relato pessoal, primeiramente por que não acredito em preceitos positivistas, onde a³(o) pesquisadora(o) deva se deslocar de si, se manter objetiva(o) e neutra(o) em relação a seu objeto de pesquisa (HODDER, 1999). Compactuo dessa forma, da ironia utilizada por Shanks e Tilley, ao dizerem que:

Não importa o que você sabe, desde que você diga corretamente; desde que você sempre se sujeite as regras do discurso positivista/empirista; sempre que o que você disser seja razoável, não fantasioso ou extremo, que possa ser contrastado com os dados disponíveis, que não seja abertamente político, nem subjetivo. E se você transgredir essas leis do discurso, da epistemologia ... terá a polícia esperando à sua porta (SHANKS e TILLEY, 1992 apud JOHNSON, 2000, p. 69 - *traduzido por mim*).

Também discordo da terminologia: *objeto de pesquisa*. Embora como arqueóloga seja disciplinada pelo sistema acadêmico, a falar sobre o passado a partir de objetos, não desassocio as relações que essa materialidade tenha tido com as pessoas do ontem e muito menos das pessoas de hoje. Até porque, são esses sujeitos do presente que contribuem na construção de reflexões e produções textuais da arqueologia, e para mim, entender pessoas como objetos, é parte de um sistema de violências epistêmicas (GNECCO, 2009), que procuro não perpetuar. Nesse sentido, atravessando essa escrita (ZARANKIN, 2014), busco indisciplinar (HABER, 2011) o sistema acadêmico, suas normatizações e *cientificidade* e também porque, assim consigo defender a arqueologia com uma construção narrativa, onde não devemos desconsiderar que “[...] nós, arqueólogos, como produtores de cultura contribuimos diretamente para o estabelecimento de regimes de verdades absolutas. Verdades são construções que atendem a um fim ou interesse específico (ZARANKIN e PELLINI, 2012, p. 53).

³ Escolhi subverter a ordem que privilegia o masculino e engloba todas as identidades de gênero (embora ainda presente aqui de forma binária), numa única categoria. Como mulher, essa generalização não me contempla e me traz a sensação de ser uma intrusa *no espaço do saber/poder* que por muito tempo foi um privilégio masculino. As ciências de uma forma geral e a arqueologia em particular, ainda nos ensina que devemos encobrir nossas identidades e subjetividades, mas optei por esse desvio, por que penso que nessas pequenas provocações, encontraremos meios de construir auto representações.

ATÉ ONDE VAI DAR ESSE VÍCIO DE ELIMINAR⁴?

Chegar até a afirmação de que a arqueologia é uma narrativa pode parecer vago e duvidoso para as(os) não arqueólogas(os), penso isso porque foi, e ainda está sendo difícil para mim. É como se não houvesse concretude em nossa área de conhecimento, como se a arqueologia não tivesse uma *utilidade* para o sistema social vigente. Qual seria então, o interesse em incentivar e financiar uma ciência que produz narrativas? A leitura que faço dessa situação é que, dentro dos processos de consolidação da modernidade ocidental, sobretudo com o iluminismo, fomos disciplinados a crer na ciência como uma *verdade absoluta*, que domina o conhecimento sobre as *leis* de funcionamento do mundo (JOHNSON, 2000).

E ao reler partes da história da arqueologia, percebi que esse desejo por solidez embasada em dados confiáveis como forma de garantir uma verdade, também ocorreu em nossa área. Parte do desejo de elevar a arqueologia ao status, por exemplo, das ciências naturais, surgiu da crítica de arqueólogas(os) no final dos anos 1960, que propuseram que, para além da classificação de objetos e da descrição de suas mudanças ao longo do tempo, como realizado de um modo geral pelos histórico-culturalistas, era possível dizer mais sobre o passado (JOHNSON, 2000; TRIGGER, 2004).

Dessa crítica nasce a Nova Arqueologia, teoria interessada nos padrões de comportamento humano, a partir dos processos culturais, possibilitando dessa forma criar generalizações aplicáveis as culturas. Nesse sentido, um dos meios de demarcar uma credibilidade científica na arqueologia era utilizando a roupagem (literal e figurativamente) de outras áreas, por conta disso, técnicas científicas desenvolvidas no pós-guerra, como a datação por carbono 14, análises físico-químicas, amostragens e estatísticas foram se tornando parte do fazer arqueológico (JOHNSON, 2000). Os processualistas, nesse sentido, se detiveram em explicar as manutenções, diferenças e mudanças culturais por meio da adaptação ao ambiente externo, sendo a cultura, o meio pelo qual essas adaptações ocorreriam (JOHNSON, 2000; TRIGGER, 2004).

Entretanto, a Nova arqueologia também receberia crítica por parte de arqueólogas(os) que a partir de 1980 não se contentavam com as respostas até então produzidas. No bojo dessa discussão nasce a arqueologia contextual, apontando o papel da(o) arqueóloga(o) como interprete das questões simbólicas e ideológicas presentes na materialidade e defendendo que a materialidade precisa ser lida em seus contextos particulares. Parte da teoria pós-processualista acolheu a influência dos debates da pós-modernidade, passando a questionar as ditas *verdades absolutas*

⁴ Trecho da música: Fábula de uma granada – Canto Cego.

propagadas pela nova arqueologia. Essa influência foi importante para: demonstrar a importância da subjetividade da (o)pesquisadora(or); apontar a necessidade de um posicionamento político claro, já que entende que se eximir também é se posicionar; debate a ética profissional; questiona noção de temporalidade, materialidade e sujeito, enfim, interroga a narrativa oficial e se lança na busca de outros caminhos.

Optei por fazer esse pequeno recorte das correntes teóricas, por que é no constante debate-diálogo entre elas que sinto ser possível fazer uma breve reflexão. Pensando nisso, li um artigo onde Pellini (2014a), diz que, tanto na nova arqueologia, quanto na arqueologia contextual, não há uma diferença ontológica de registro arqueológico. A primeira pensa que os objetos falam por si só, a segunda, que a materialidade é um texto a ser lido, mas a percepção continua a mesma, a de que esse material tem, em sua essência, uma verdade intrínseca. Para a perspectiva de-colonial, a problemática está no *fato* de que o saber/poder socialmente aceito sobre o passado, permanece nas mãos da arqueologia, enquanto que, os conhecimentos, saberes e produções locais são desconsiderados ou cooptados, em um sistema onde a ciência se fortalece por meio da retórica e do monopólio da produção e divulgação da escrita, enquanto que, outras vozes são deslegitimadas e silenciadas.

Para mim, ambas as críticas tratam do conflito que é entender a arqueologia como uma construção, com interesses específicos, sujeitos diversos, subjetividades e modernidade distintas, onde *realmente*:

A aparente “disciplina” da arqueologia, parece então muito indisciplinada (Clarke, 1973). Parece que qualquer resultado que aparente unidade são resultados de uma negociação contingente entre uma grande variedade de interesses. Toda coerência resultante é provisória, refutável e temporal. As metas, os objetivos e limites da disciplina encontram-se em um contínuo estado de fluxo (HODDER, 1999, p. 12 – *traduzido por mim*).

Me detive nessa breve apresentação de abordagens teóricas, porque percebo o quanto nós arqueólogos(os) e nossa sociedade, fomos paulatinamente disciplinadas(os) pela modernidade, com seus discursos dicotômicos e maniqueístas (PELLINI, 2014a). Essas disciplinas apoiam poderes, e esses poderes se utilizam da vigilância e do controle para se alto favorecerem (FOUCAULT, 2014). Esse, é também um dos motivos pelos quais é difícil propagar a ideia de arqueologia como uma construção narrativa, pois assumir esse entendimento é mexer nas bases ontológicas que temos de registro, de passado, de saber (PELLINI, 2014a). Significa abrir mão de um campo de poder, *assumir os riscos* de ser rebatido por outras narrativas, ter que negociar com outros sujeitos, outros

conhecimentos, percepções e realidades.

Por outro lado, percebo esse *risco* como algo muito interessante para a arqueologia, porque ao contrário do que possa parecer, não vejo nessa afirmação um fim para a nossa ciência, creio que ao relativizar os conceitos que embasam nossa disciplina, tiramos um fardo de nossos ombros, já que não precisaremos mais revelar verdades intrínsecas na materialidade do passado, até porque:

Os objetos não podem nos contar nada sobre o passado porque o passado não existe. Não podemos tocar o passado, vê-lo ou senti-lo; está desaparecido e morto. Nossos amados objetos pertencem na realidade ao presente. Existe no aqui e agora (JOHNSON, 2000, p. 29 – grifo do autor – traduzido por mim).

Acredito também, que a pós-modernidade ao entender passado como uma categoria construída, que deve ser relativizada, contribui muito para a arqueologia, sobretudo para a arqueologia histórica, à medida que possibilita refletir sobre *passados* recentes e sobre a própria contemporaneidade, quebrando as antigas delimitações das ciências, que via a arqueologia somente como o estudo do passado *remoto*. Dessa forma, ao invés de limitar os estudos arqueológicos a um recorte específico de *passado*, é possível entender que “[...]Arqueologia Histórica estuda, justamente, esta interação entre dominantes e dominados, letrados e iletrados, com diferentes contextos culturais e cronológicos” (FUNARI, 1996, p. 165).

Assim como apontei acima, não desconsidero os diversos dispositivos de vigilância e controle na/da produção arqueológica, nem do quanto esses instrumentos são utilizados para gerar uma pressão por parte da sociedade, que espera de nós *a verdade* sobre o *passado*. Mesmo assim, é possível perceber que esse cenário vem se modificando. Por isso trago como exemplo um artigo de Voss (2006), que reuniu trabalhos na temática de gênero. A autora fala da importância de trazer a presença da mulher nas narrativas arqueológica, já que o encobrimento que ainda ocorre, sustenta, intencionalmente ou não, o patriarcado, a misoginia e a noção ocidental de papéis de gênero.

Também me chamou atenção o trabalho feito por Salerno (2009), ao propor outra leitura sobre as vestimentas de desaparecidos políticos da ditadura militar argentina. Ao tratar da construção da categoria de subversivo feita pelos ditadores, ela cria uma narrativa oposta ao que o sistema ditatorial propagava para a sociedade. Com base na materialidade e nas entrevistas de sobreviventes, ela expõe a estratégia militar que pretendia realizar um desaparecimento definitivo dos *subversivos*. Essa estratégia consistia em trocar as vestimentas dos presos políticos que foram assassinados, impedindo assim, a identificação das vítimas por meio da

vestimenta que utilizavam quando foram sequestradas.

Outro tipo de narrativa interessante é a que faz Pellini (2014b) em: *Tomando um chá com o chapeleiro*, que propõe uma animada conversa com a materialidade. Ele exprime em seu ensaio, uma séria de questões e limitações teóricas e metodológicas que nos impedem de sentir e ser sentido, de tocar e ser tocado, de viver e ser vivido pelos lugares e coisas que mobilizamos e se mobilizam, em nossas monótonas e mecânicas escavações.

Embora a abertura nas/das narrativas arqueológicas seja uma proposta de diálogo onde, a voz da(o) arqueóloga(o) não seja central nas criações sobre passados, não posso desconsiderar que surjam narrativas que se utilizem e manipulem a materialidade como meio de consolidar discursos de ódio e de intolerância (assim como já ocorreu e ocorre). A esse respeito, Salerno (2009), fala sobre essa manipulação em relação ao discurso ditatorial na Argentina, onde:

As roupas faziam parte da cenografia montada pelos militares para encobrir seus crimes. Outros elementos da cultura material, intencionalmente postados para demonstrar a culpabilidade das vítimas, foram armados, como panfletos que tentavam mostrar sua filiação com agremiações políticas subversivas, entre outros (SALERMO, 2009, p. 130).

Acredito que o *conflito* que está posto é do diálogo entre o relativismo, o individual, as subjetividades e o/os coletivo/os. Assumo que ao me engajar em outras formas de produção de ciência, propor a abertura nas/das narrativas arqueológicas, relativizar cenários, sentir a dinâmica que perpassa esse mundo, refletir sobre a ética e buscar alcançar isso através de uma perspectiva *teórico-metodológica* local, não é fácil, exige folego, exige entrega, exige uma comoção à medida que exige a firmeza nos próximos passos. E é nesse sentido que Foucault me mostra que, os processos de dominação e violência se tornaram regra porque: “A verdade, espécie de erro que tem a seu favor o fato de não poder ser refutada, sem dúvida porque o longo cozimento da história a tornou inalterável” (FOUCAULT, 1979, p. 19). Mas não inviabiliza quebras e subversões, já que:

Se interpretar era colocar lentamente em foco uma significação oculta na origem, apenas a metafísica poderia interpretar o devir da humanidade. Mas se interpretar é se apoderar por violência ou sub-repção, de um sistema de regras que não tem em si significação essencial, e lhe impor uma direção, dobra-lo a uma nova vontade, fazê-lo entrar em um outro jogo e submetê-lo a novas regras, então, o devir deve ser a sua história: história das morais, dos

ideais, dos conceitos metafísicos, história do conceito de liberdade ou da vida ascética, como emergências de interpretações diferentes. Trata-se de fazê-las aparecer como acontecimentos no teatro dos procedimentos (FOUCAULT, 1979, p. 26).

Esse entendimento me leva a pensar que, por muito tempo a arqueologia serviu a esse *longo cozimento da história oficial*, tem predomínio de fala, tem o privilégio da escrita e da divulgação de suas narrativas e sobretudo, tem o status da *verdade*. Por isso penso que, não corremos o risco de ter nossa disciplina utilizada para propagar discursos totalitaristas, violentos e normalizadores, até por que, isso já acontece cotidianamente, ou a implementação dos Estado nação não é isso? Ou a expansão capitalista e a globalização também não o é? Posso estar equivocada, mas acredito que a equidade de fala, escrita, divulgação e interpretação sobre *passados*, possibilitará *algo* além do preto e branco, talvez o intenso colorido das gradações de cinza que transita entre os dois.

Posso dizer que, os artigos que aqui apresentei, entre outros trabalhos que conheci no decorrer das aulas de Arqueologia histórica (responsável pela escrita desse ensaio), me fizeram ver que é possível entender a arqueologia para além da metanarrativa moderna. A arqueologia pode ser transformada em *arma* política das vozes silenciadas, pode contribuir na disseminação de outras versões sobre *passados*, pode ser um caminho na afirmação de identidades e memórias ou também como contraponto de identidades e memórias impostas, de toda forma, prefiro a versão otimista onde encontremos no diálogo meios de construir e transformar aquilo que nos inquieta localmente. Quero, por fim, destacar a importância que vejo na palestra de Chimamanda Ngozi Adichie (TED, 2009⁵), que trata do perigo de uma única história. Ela me fez refletir que, embora não seja fácil defender a arqueologia como construção narrativa, não devo esquecer que: “[...] histórias importam, muitas histórias importam [...]”.

AONDE IRÁ O FIM DA ESTRADA? SE QUER SABER OU POUCO IMPORTA⁶

Termino de onde parti, tropeçando em minhas principais dúvidas e incertezas. Me questionando sobre o porquê fazer arqueologia? Para quem e para o que *servem* os estudos sobre o passado? Como construir uma

⁵ O vídeo: O perigo de uma única história (The Danger of the Single Story) pode ser visto através do link: <<http://www.youtube.com/watch?v=O6mbjTEsD58>>.

⁶ Trecho da música: Fim da estrada – Medulla.

abertura em nossos estudos e narrativas, que não seja colonialista e nem realizem violências? e, por mais que eu tenha esboçado considerações, não posso dizer que me encontro satisfeita. Acredito que esse exercício de leitura e escrita me possibilitou um encontro com meus medos, onde, a medida que fui perdendo as certezas e a solidez, fui sentindo o quanto custa entender a fluidez; o quanto é cansativo o exercício de romper as barreiras de um saber arraigado dentro de mim; da dificuldade que é, entender a dinâmica que envolve a vida e ainda mais, me jogar nesse caminho difuso, porque nele não existe um guia, nem uma direção, tão pouco certo e errado, são fluxos e me permitir transitar nesses fluxos foi doloroso.

Nessa caminhada também percebi minha tendência a essencializar cenários que são muito mais complexos do que consigo nesse momento abarcar; vi o quanto dialogar e não querer impor minhas perspectivas é difícil; refleti sobre a dificuldade que tenho de sair das dicotomias que tanto critico; sobre a dificuldade que é escolher caminhos e propostas e ao mesmo tempo entender que outros *escolhem* outros caminhos e propostas; tive que pensar sobre o peso e a responsabilidade da minha escrita, enfim, compartilho parte de mim nessas palavras. Embora em muitos desses momentos eu tenha sentido angústia, tristeza e insatisfação com o nosso sistema social e com a própria arqueologia, não posso também deixar de dizer que conservo em mim um otimismo que não me deixa perder de vista meu desejo inicial, o de conseguir transformações. O fato de terminar com mais questionamentos do que com propostas não me desmotiva, pelo contrário, me faz perceber que caminhos ainda não trilhados estão por vir e que esses podem me inspirar e me levar a concretização dos meus sonhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2014.

FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. O amadurecimento de uma arqueologia histórica mundial. *Revista de História*, São Paulo, n. 135, p. 164–168, 1996.

GNECCO, C. Caminos de la Arqueología: de la violencia epistémica a la relacionalidad. *Boletín do Museu Paraense Emilio Goeldi*, Belém, v. 4, n. 1, p. 15–26, 2009.

HABER, Alejandro F. *Nometodología Payanesa: notas de metodología*

indisciplinada (con comentarios de Henry Tantalean Francisco Gil García y Dante Angelo). **Revista Chilena de Antropología**, Santiago, n. 23. p. 9–49, 2011.

HODDER, Ian. Crisis in Global Archaeology. In: _____. **The Archaeological Process: an introduction**. Blackwell Publishers, 1999. p. 1–19.

JOHNSON, M.; **Teoría Arqueológica: una introducción**. Barcelona: Editorial Ariel, 2000.

PELLINI, José Roberto. Os sacerdotes da verdade: Ética e o conceito de registro Arqueológico. **Revista Habitus**, Goiânia, v. 12, n. 2. p. 291–306, 2014a.

_____. Tomando chá com o chapeleiro. **Revista de Arqueologia**. v. 27, n. 2, p. 14–34, 2014b.

TRIGGER, B. G. **História do pensamento arqueológico**. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.

VOSS, B. Engendering Archaeology: Men, Women and others. In: HALL, M.; SIKKIMAN, S. (Org.). **Historical Archaeology**. Nova Iorque: Blackwell, 2006. p. 107–127.

SALERNO, M. A. A construção da categoria “subversivo” e os processos de remodelação de subjetividades através do corpo e do vestido (Argentina, 1976 – 1983). In: CARVALHO, Aline V. de *et al.* (Org.). **Arqueologia, direito e democracia**. Erechim: Habilis, 2009. p. 103 – 140.

TED. **Chimamanda Adichie: o perigo de uma única história**. 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wQk17RPuW8>. Acesso em: 09 jun. 2018.

ZARANKIN, A. A persistência da memória histórias não-lineares de arqueólogos e foqueiros na antártica. **Revista de Arqueologia**. v. 27, p. 36–45, 2014.

ZARANKIN, A.; PELLINI, J. R.; Arqueologia e Companhia: reflexões sobre a introdução de uma lógica de mercado na prática arqueológica brasileira. **Revista de Arqueologia**. v. 25, n. 2, p. 42–63, 2012.

AUTORA

Tailine Rodrigues Valério Silva

Formada em Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre, pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), onde atuou na temática de arqueologia comunitária, junto a comunidade indígena Tremembé, de Almofala- CE. Atualmente é bolsista CAPES do Programa de Pós-graduação em Antropologia, também pela UFPI, onde atua na temática de antropologia do corpo e antropologia sensorial. E-mail: tailine_rvs@hotmail.com.

Recebido em: 06/02/2018.

Aprovado em: 26/03/2018.

Publicado em: 29/06/2018.